



O grande empresário industrial no Governo Bolsonaro

Palavras-Chave: Empresários, Desenvolvimentismo, Política econômica

Autores(as):

Pedro Micussi, Instituto de Economia

Prof. Dr. Marco Rocha (orientador), Instituto de Economia

Na eleição de 2018, os principais líderes empresariais da indústria não favoreceram inicialmente a candidatura de Jair Bolsonaro. Pelo contrário, sua estratégia envolveu fortalecer candidatos que não representassem nem o PT (que anteriormente havia sido alvo de impeachment com amplo apoio da indústria), nem o então deputado de extrema-direita. Seguindo um padrão semelhante ao que se repetiria quatro anos depois, em 2022, esses empresários apoiaram explicitamente no primeiro turno candidatos da direita tradicional brasileira, referidos como "de centro".

Em uma reportagem de junho de 2018, Renata Agostini e Mônica Scaramuzzo destacaram a preocupação dos líderes industriais brasileiros com a falta de consenso na escolha de um único candidato do "centro". No entanto, tanto os programas de governo de João Amoêdo (Novo) quanto de Geraldo Alckmin, à época no PSDB, agradavam esses líderes. Embora Alckmin fosse o preferido, tendo participado de reuniões na sede do IEDI

A ligação entre Alckmin e a grande indústria brasileira atingiu o ápice quando o candidato tucano convidou Josué Gomes da Silva, presidente da Coteminas, para compor sua chapa como candidato a vice-presidente. Esse gesto foi carregado de simbolismo, já que Gomes da Silva era uma figura proeminente na indústria e filho de José Alencar, ex-vice-presidente de Lula, que simbolizava o apoio da indústria à campanha presidencial petista desde 2002, como relatado por Paulo Beraldo (2018).

Após as eleições, em novembro de 2018, o empresário do Grupo Ultra Pedro Wontschowski, expressou suas expectativas em relação ao novo governo. Embora o IEDI e seus principais dirigentes não tenham apoiado explicitamente a candidatura de Jair Bolsonaro no segundo turno, as declarações de Wontschowski indicaram que alguns pontos da agenda econômica bolsonarista estavam alinhados com os interesses da grande indústria.

Vale sublinhar que isso se dava apesar de ataques recorrentes do futuro presidente

Bolsonaro e seu ministro da Economia Paulo Guedes à estrutura de representação industrial brasileira.

No primeiro ano do Governo Bolsonaro, em 2019, os empresários da grande indústria demonstraram apoio ao novo governo. Isso foi destacado em uma entrevista dada pelo empresário da Iochpe-Maxion Dan Ioschpe.

Até o início de 2020, os empresários da grande indústria brasileira mantiveram uma relação favorável com o Governo Bolsonaro, evidenciada por uma reunião na sede do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI) com o ministro Paulo Guedes para discutir a reforma tributária. No entanto, a eclosão da crise da pandemia de Covid-19 alterou essa relação. Em maio de 2020, o empresário da Klabin Horácio Piva, da Natura Pedro Passos e da Ultra Pedro Wongtschowski se posicionaram contra o governo após o presidente Bolsonaro convocar empresários a pressionarem os governadores para flexibilizar as políticas de distanciamento social. Dois anos depois, ao avaliar o governo Bolsonaro, Pedro Wongtschowski fez um balanço (MEYERFELD, 2022, on-line).

Entretanto, segundo uma entrevista concedida por Pedro Passos a Sonia Raci no final de 2020, os empresários da grande indústria, apesar de céticos quanto à capacidade do governo em atender seus interesses, não endossaram as iniciativas que pediam o impeachment de Bolsonaro ao longo daquele ano. Embora não tenham rompido completamente com o presidente naquele momento, começaram a se organizar para apoiar uma candidatura presidencial nas eleições de 2022. Essa candidatura deveria reunir setores insatisfeitos com Bolsonaro, mas que também não desejavam um retorno do governo petista. Assim, os empresários retomaram seus esforços de 2018 para viabilizar uma candidatura de centro, alinhada ao programa da Ponte para o Futuro e imune às questões associadas ao governo Bolsonaro.

Os empresários da grande indústria brasileira não apoiaram a reeleição de Jair Bolsonaro e contribuíram para a candidatura de Simone Tebet, do MDB, nas eleições presidenciais de 2022. Assim como em 2018, buscaram viabilizar uma alternativa que não fosse Bolsonaro nem o candidato do PT, na ocasião, Lula. Em junho de 2022, importantes empresários e banqueiros brasileiros, incluindo Pedro Wongtschowski, Pedro Passos e Horácio Piva, manifestaram apoio a Tebet. Dois meses depois, em agosto, Pedro Passos, ex-presidente do IEDI, explicou em entrevista os motivos desse apoio com base em suas avaliações das administrações anteriores de Lula e Bolsonaro. (BARBOSA, 2022, on-line)⁹

Horácio Piva expressou um posicionamento semelhante ao comentar as razões por

trás de seu apoio à campanha de Tebet, destacando, no entanto, as diferenças que ele identificou entre Lula e Bolsonaro (MARTÍNEZ-VARGAS, 2022, on-line)¹⁰.

Enquanto os dirigentes da grande indústria apoiaram a candidatura de Simone Tebet em 2022, também se opuseram às investidas golpistas de Bolsonaro ao longo da campanha eleitoral. Essa divisão refletiu uma cisão na burguesia brasileira, com setores ligados ao agronegócio e serviços apoiando Bolsonaro, enquanto banqueiros e empresários da grande indústria se opuseram às tentativas de desestabilização democrática.

Um exemplo emblemático foi a articulação da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, liderada por Josué Gomes da Silva, na redação do manifesto "Em Defesa da Democracia e da Justiça", que contou com adesão de diferentes setores da classe dominante. Essa articulação revelou contradições dentro do empresariado brasileiro, evidenciando clivagens entre empresas de grande e pequeno/médio porte dentro da indústria.

Pedro Passos destacou as diferenças de apoio ao Governo Bolsonaro entre empresários de diferentes portes e setores. (BARBOSA, 2022, on-line).

O segundo momento significativo da atuação dos empresários da grande indústria contra os ataques golpistas de Bolsonaro ocorreu em um evento realizado no Largo São Francisco, em São Paulo, no mesmo mês. Esse evento foi considerado um marco da mobilização de setores da sociedade civil em defesa da democracia e incluiu a redação de outra nota, chamada "Carta aos Brasileiros", inicialmente organizada por professores da Faculdade de Direito da USP e posteriormente apoiada por líderes da grande indústria e banqueiros. Horácio Piva comentou sobre essa movimentação em uma entrevista: (MARTÍNEZ-VARGAS, 2022, on-line)¹²

O terceiro evento marcante na articulação empresarial contra Bolsonaro foi o apoio público de grandes industriais à candidatura de Lula no segundo turno das eleições. Este apoio trouxe consigo uma situação cômica, pois a declaração de voto pró-Lula de Pedro Wongtoschowski provocou reações e boicotes de setores bolsonaristas à rede de postos Ipiranga, empresa do grupo Ultrapar dirigida por Wontschowski e apelidada pelo ministro Paulo Guedes.

Pedro Passos fornece uma pista sobre os motivos que levaram os empresários da grande indústria brasileira a se oporem a Bolsonaro e seu golpismo em 2022, sugerindo as razões por trás do apoio à frente ampla democrática formada no Brasil naquele ano (BARBOSA, 2022, on-line, grifo nosso)

De fato, como vimos, a preocupação com o “ambiente institucional” foi uma preocupação central dos empresários da grande indústria com um novo governo de

Bolsonaro. Se analisado ao lado desta declaração de Pedro Passos, e à luz da ação dos empresários da grande indústria ao longo do ano de 2022, pode nos fornecer um elemento para compreender uma das razões que fizeram os dirigentes industriais se colocar em defesa do regime democrático no país naquele ano. Como aponta Karl Marx em "O 18 de Brumário de Luís Bonaparte", diversos setores da burguesia, especialmente o industrial, têm um forte interesse na manutenção da ordem política e social. Em momentos de instabilidade, eles podem agir politicamente para proteger o status quo, impulsionados pelos seus próprios interesses em manter um ambiente de negócios favorável para suas atividades econômicas.

Portanto, não podemos descartar a possibilidade de que o apoio da grande indústria brasileira ao regime democrático seja motivado pela percepção de que uma ruptura institucional no país poderia prejudicar suas operações comerciais. Isso é especialmente relevante considerando a avaliação dos grandes industriais sobre o governo Bolsonaro e a falta de garantias de ganhos econômicos significativos com uma mudança autoritária liderada pelo presidente na época.

Além disso, os líderes da grande indústria também poderiam temer que um regime autoritário sob Bolsonaro pudesse afetar negativamente a integração da economia brasileira com a economia global, resultando em consequências como uma redução nas avaliações de crédito do país ou uma deterioração de sua posição nas cadeias de valor globais. É importante destacar que as motivações econômicas por trás do apoio a um golpe de Estado por parte dos grandes industriais seriam diferentes das dos empresários do agronegócio, que, como apontado por pesquisadores, viram suas demandas atendidas pelo governo Bolsonaro e estabeleceram uma forte convergência política com o governo. As divisões dentro do empresariado brasileiro durante as eleições de 2022 representam o colapso da grande coalizão capitalista estabelecida no país desde o final do governo Dilma. O governo Temer conseguiu unir diferentes setores do empresariado brasileiro, como demonstrado pelo apoio ativo de diversos grupos à destituição de Dilma às políticas subsequentes. O apoio dos grandes industriais ao início do governo Bolsonaro, apesar de terem contribuído para a construção de uma candidatura da direita tradicional em 2018, sugere que o novo governo estava atendendo, pelo menos em parte, às principais demandas desses industriais, particularmente em relação ao fortalecimento do poder do capital sobre o trabalho. No entanto, em 2022, a reeleição de Bolsonaro representaria uma continuação das políticas que beneficiaram o capital em detrimento do trabalho, consolidando ainda mais a posição privilegiada do capital no país. No entanto, após cinco anos desde a reforma trabalhista, as preocupações com a estabilidade institucional e seus impactos nas empresas superaram as

preocupações com questões trabalhistas para os empresários. Dessa forma, o grande capital industrial brasileiro estava disposto a fazer uma aliança com o trabalho para evitar uma ruptura institucional no país e preservar um ambiente de negócios favorável. No entanto, como veremos, essa aliança pode ter sido temporária, já que as disputas em torno dos custos do trabalho logo ressurgiram após as eleições.

Referências bibliográficas

CARNEIRO, Ricardo. “Navegando a contravento: uma reflexão sobre o experimento desenvolvimentista do governo Dilma Rousseff”. In: CARNEIRO, Ricardo; BALTAR, Paulo; SARTI, Fernando (Orgs.). **Para além da política econômica**. São Paulo: Ed. Unesp, 2018. pp.11–54.

KINGSTONE, P. R. Corporatism, neoliberalism, and the failed revolt of big business: Lessons from the case of IEDI. **Journal of Interamerican Studies and World Affairs**, [s. l.], v. 40, n. 4, p. 73-95, 1998.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

ROCHA, Marco. “O grande capital brasileiro no ‘ensaio industrialista’ do neodesenvolvimentismo”. In: DIEGUES, Antônio; SARTI, Fernando. **Brasil: Indústria e desenvolvimento em um cenário de transformação do paradigma tecno-produtivo**. Curitiba: CRV | Campinas: Unicamp. IE, 2021.

ROCHA, Marco; NOVAIS, Luis. F. **Indústria e grandes empresas no governo do partido dos trabalhadores**. Texto para Discussão no281, IE/Unicamp, 2020, 16 p.

SINGER, André. **O Lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SINGER, André; ARAÚJO, Cícero; RUGITSKY, Fernando. “Introdução: O Brasil na vanguarda do inferno global”. In: _____. **O Brasil no inferno global: capitalismo e democracia fora dos trilhos**. São Paulo: FFLCH/USP, 2022.

VALOR ECONÔMICO. Valor Grandes Grupos, 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/grandes-grupos/grandes-grupos/>. Acesso em 2 mai. 2021